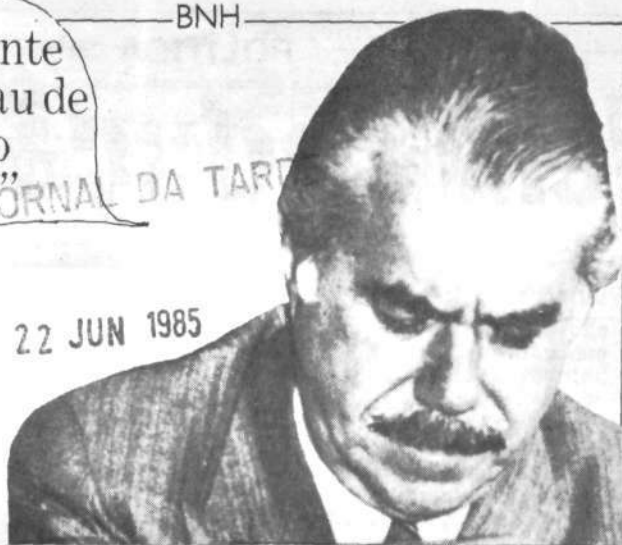


"A gente  
toma pau de  
todo  
lado"

JORNAL DA TARDE

22 JUN 1985



## O presidente está amargurado

— A gente toma pau de todo lado. Se aumenta, toma pau porque aumentou. Se não aumenta, é acusado de descapitalizar o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço. Esse desabafo foi feito ontem pelo presidente José Sarney, que se mostrou amargurado com as críticas que lhe são dirigidas pela imprensa e pela sociedade por causa do reajuste das prestações do BNH.

Citando O Estado de S. Paulo, que em editorial lhe dirigiu críticas sobre o aumento das prestações dos mutuários do BNH, o presidente Sarney explicou que, ao adotar a semestralidade para os aumentos das prestações, o governo estava abrindo não de seis meses de correção monetária, e arcando com um ônus de Cr\$ 37 trilhões.

"Se fosse para adotar uma decisão eminentemente técnica", disse o presidente ao receber os jornalistas credenciados no Palácio do Planalto, no final do expediente de ontem, "seria muito fácil. Mas levou-se em conta o interesse social e o sacrifício que isso custaria para o trabalhador de baixa renda, especialmente aquele que ganha até seis salários mínimos. Deve ser reconstituída a confiança no governo, de que a decisão que ele toma é a que interessa à faixa mais expressiva da sociedade."

### Imóveis usados

O Banco Nacional da Habitação (BNH) vai reabrir no segundo semestre deste ano os financiamentos para aquisição de imóveis usados, o que ocorrerá simultaneamente à liberação, pelos agentes do Sistema Financeiro da Habitação (SFH), de cartas de crédito aos interessados na compra desse tipo de unidade habitacional. A promessa foi feita pelo presidente do BNH, José Maria Aragão, ao presidente eleito do Conselho Regional de Corretores de Imóveis (Creci) de São Paulo, Roberto Capuano, durante audiência na última quinta-feira, na sede do banco, no Rio.

### "Questão doméstica"

O ministro do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Flávio Peixoto, disse ontem que considera a ameaça dos agentes financeiros de executarem os mutuários inadimplentes "uma questão doméstica entre os dois setores". Segundo ele, "a inadimplência perde o sentido a partir do novo índice de 112% e da equivalência salarial nos reajustes", e a reação das lideranças dos mutuários a esse índice "só se explica pela falta de esclarecimento sobre as medidas".

O ministro disse também que a sua declaração no sentido de que os mutuários que não pudessem pagar vendessem seus imóveis foi distorcida. "Eu disse que ser mutuário do BNH é um excelente negócio, pelas realizações que o sistema acumulou durante a sua existência e pelo novo índice de 112%."

O ministro informou que na próxima segunda ou terça-feira deverá ser divulgada a regulamentação das novas medidas pelo BNH. Ele deu ainda outra informação importante para os mutuários: o BNH está estudando a possibilidade de incluir na regulamentação a devo-

lução do Coeficiente de Equiparação Salarial (CES) pago a mais pelos mutuários que estavam na anualidade e decidirem passar à equivalência salarial. "Não queremos nos apropriar do que for devido", disse o ministro. "Mas essa é uma questão muito técnica e deverá ser definida pelo BNH." Muitos mutuários antigos pagavam um CES de 25% sobre a prestação reajustada pela anualidade, enquanto o CES semestral era de 10%, no sentido de compensar a maior frequência dos reajustes. Um dos pleitos das lideranças dos mutuários é exatamente a devolução do CES pago a mais pela anualidade. Atualmente, existe um CES único de 15%.

### Poupança

As cadernetas de poupança em todo o País sofreram saques da ordem de Cr\$ 1 trilhão este mês, segundo informação de agentes financeiros confirmada ontem pelo presidente do BNH, José Maria Aragão. Segundo o presidente do BNH, "isso não constitui um desempenho aceitável para o Sistema Financeiro da Habitação e o governo terá de ficar atento".

Aragão confirmou os números dos altos saques nas cadernetas, que determinaram uma captação líquida (depósitos menos saques) negativa nas cadernetas, pouco depois que o ministro do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Flávio Peixoto, manifestou repetidas vezes em entrevista sua preocupação com o setor da poupança. "Estamos extremamente preocupados com a questão das cadernetas de poupança", disse o ministro, "e continuamos a afirmar que elas são intocáveis".

Segundo Flávio Peixoto, "pouca coisa pode ser feita no momento em relação ao assunto", pois "muitas vezes as leis de mercado se colocam acima da nossa capacidade". E revelou que há diversas propostas ainda embrionárias para reforçar o setor da poupança e criar novos estímulos, mas que terão de passar pelo crivo do Banco Central e do Ministério da Fazenda.